

As Disputas e Enfrentamentos de Poder nas Narrativas Literárias Latinas do *Principatus Romanum*: uma Análise sobre o Feminino Representado nos Epigramas de Lésbia e Gélia de Marco Valerio Marcial¹

The Disputes and Faces of Power in the Latin Literary Narratives of The *Principatus Romanum*: an Analysis of the Feminine Represented in the Epigrams of Lesbia and Gelia by Marco Valerio Martial

ALEXANDRO ALMEIDA LIMA ARAÚJO

Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (PPGHis-UFMA).

alexandroaraujo12@yahoo.com.br

MARCUS BACCEGA

Professor Doutor Adjunto I, do Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

marcusbaccega@uol.com.br

RESUMO

Este artigo pretende discutir acerca das lutas e enfrentamentos de poder que podem ser inferidos das narrativas satíricas latinas do período do Império romano. Utilizaremos dois epigramas do poeta Marcial, em que o referido escritor expõe duas matronas: Gélia e Lésbia. O poeta, como parte de uma aristocracia masculina romana, lança mão de uma literatura jocosa e cômica como uma forma de estratégia devidamente planejada para a manutenção de exercício de poder deste grupo social. Será por meio desses epigramas que o poeta fará juízos de valores sobre as atitudes das mulheres, ao estabelecer normas de condutas sociais mediante pares morais como honra/desonra e virtude/vício. Entretanto, entendemos que, se há a necessidade de poetas transmitirem, através de suas sátiras, o estabelecimento de normas sociais a serem seguidas, significa pensar também que essas mulheres resistiam a esse poder, isto é, a tais normas de comportamento difundidas por um público masculino.

Palavras-chave: Epigramas. Marcial. Principado romano. Enfrentamentos. Poder. Feminino.

ABSTRACT

This article intends to discuss the struggles and confrontations of power that can be inferred from the Latin satirical narratives of the period of the Roman Empire. We will use two epigrams of the poet Martial, in which the said writer exposes two matrons: Gélia and Lésbia. The poet, as part of a Roman male aristocracy, uses comic and humorous literature as a form of strategy duly planned for the maintenance of the exercise of power of this social group. It will be through these epigrams that the poet will make value judgments about the attitudes of women, in establishing norms of social conduct through moral pairs such as honor/dishonor and virtue/vice. However, we understand that if there is a need for poets to transmit through their satire, the establishment of social norms to be followed, means to think also that these women resisted that power, that is, such norms of behavior spread by a male audience.

Keywords: Epigrams. Martial. Principality Roman. Confrontations. Power. Feminine.

¹ Artigo submetido para avaliação em 17/03/2018 e aprovado em 13/05/2019.

A literatura latina e os poetas que fizeram parte da aristocracia romana demonstraram por meio de suas narrativas satíricas as relações de poder, mediante o uso de palavras jocosas, de imposição – ou tentativas de imposição – sobre determinado grupo social. Em nosso caso, em específico, o grupo que nos referimos é o *feminino* formado pelas matronas romanas. Logo, as relações entre os sexos serão pensadas mediante práticas de esforços de uma dominação masculina e a recusa do feminino de modelos impostos.

As matronas romanas eram tidas como as “damas” do lar que, segundo as narrativas literárias do período romano dos séculos I e II d. C., deveriam ser obedientes ao marido, ou seja, para serem virtuosas elas não poderiam cometer adultérios.

A literatura latina seria utilizada como um meio para essa elite masculina romana se manter no poder e ser a única capaz de ditar regras que fossem favoráveis ao seu grupo e, assim, manter a ordem social: o masculino como fomentador do que era permitido a mulher casada fazer e do que era proibido.

O que era censura moral para a mulher casada romana, não necessariamente seria censura moral ao homem romano casado². Por isso o interesse do masculino de perpetuar tais juízos morais por intermédio de sátiras. Além do que, estas obras, que são peças de retórica, atendiam a exigências morais.

Um dia alguém teve a ideia de utilizar um certo número de propriedades rítmicas ou musicais da linguagem para falar, para impor suas palavras, para estabelecer através de suas palavras uma certa relação de poder sobre os outros. A poesia foi inventada ou fabricada (FOUCAULT, 1996, p. 15).

Na citação acima de Foucault, há veementemente a ideia de fabricação da poesia. Essa ideia de fabricação ou invenção pode ser aplicada, em nosso caso, às sátiras latinas, pois as palavras escolhidas pelos autores latinos não são aleatórias, têm interesses e sentidos com determinadas finalidades intencionais desses próprios escritores de perpetuar um modelo social em que as mulheres estariam em uma linha tênue das virtudes/vícios e honradas/desonradas.

² Tomemos a condenação do adultério como uma censura moral, por exemplo. De acordo com a historiadora Géraldine Puccini-Delbey, “uma definição de adultério, se refere a uma relação sexual extramarital que envolve uma mulher casada. O uso normativo do termo ‘adultério’, não define como adultério a situação de um homem casado que tem uma amante (paelex)”. PUCCINI-DELBÉY, Géraldine. **A vida sexual na Roma Antiga**. Lisboa: Edições texto e grafia, 2010. p.65.

Esse modelo social é na realidade uma tentativa de imposição dos poetas latinos e da própria aristocracia romana a que pertenciam para modelar o comportamento das mulheres e, por conseguinte, estabelecerem certo poder sobre as mulheres da elite romana.

Para aplicar a proposição de Foucault sobre o uso das palavras em um sentido de relação de poder sobre o outro, seja sobre um sujeito ou um grupo, façamos uso de um poeta latino chamado Marco Valerio Marcial e dois de seus epigramas sobre a conduta feminina na sociedade. O primeiro epigrama é sobre uma matrona chamada Lésbia:

Sempre fazes amor, Lésbia, com as portas abertas e sem guardas e nada fazes para ocultar teus adultérios. Te dá mais prazer um espectador que um amante, e não te satisfaz o prazer sexual se os outros não sabem. Uma prostituta, pelo contrário, conserva à distância as possíveis testemunhas, utilizando a cortina ou a porta. E poucas frestas há nos bordéis do Submemmio. Aprende, pelo menos, um pouco de pudor [...] Inclusive as prostitutas mais largadas e as miseráveis mulherzinhas se escondem, ainda que seja nos sepulcros. Achas demasiado dura minha crítica? (MARCIAL. *Epigramas*. I, 34).

O poeta apresenta um escrito sobre Lésbia. A intencionalidade das palavras de Marcial é demonstrar a desonra feminina. Percebemos que o autor demonstra a mulher em questão como uma mulher que corrompera o seu casamento por meio de relações sexuais com outros homens que não seu cônjuge legítimo.

Ao colocar que a mulher cometera adultério, Marcial quer chamar atenção, por meio do epigrama, que se trata de uma mulher desposada, ou seja, que possuía casamento legítimo, logo, Lésbia deveria obediência, inclusive sexual, ao esposo legítimo. Ao evidenciar a palavra adultério no plural – adultérios –, Lésbia tinha essa prática como corriqueira e podemos depreender que não era apenas com um homem, mas sim com homens diferentes. Algo que também é repreendido pelo autor. A prática de adultério em si já era suficiente para ser condenada por autores latinos dos dois primeiros séculos de nossa era.

O poeta Marcial destaca que a mulher casada, que era uma matrona e deveria ser uma “dama do lar”, não apenas comete adultérios, mas permite que os outros saibam de suas práticas de condutas desonrosas. Marcial enfatiza que ao praticar uma cópula com um de seus amantes, Lésbia não se importa em se esconder.

Marcial, portanto, repreende não só a prática sexual de Lésbia com um homem que não fosse seu esposo, mas também o prazer que tinha ao deixar ser vista praticando tal ato de desrespeito ao costume de uma boa moral, que era a de ser digna perante a sociedade como uma matrona que respeita as normas estipuladas pelo masculino para o bom funcionamento da ordem e do quotidiano. Lésbia, nesse sentido, perde o âmagô de ser uma matrona respeitável para tornar-se uma mulher de estrato mais baixo que uma prostituta.

Marcial, ao se utilizar de uma censura moral, rebaixa a mulher casada fazendo uso em comparação às prostitutas. A prostituta, uma *infame*³, e os locais que estas mulheres eram encontradas são tidos como lugares que deveriam ser evitados por pessoas de uma camada social aristocrática que detivessem *fama*⁴. A matrona era considerada uma mulher não *infame*, isto é, com *fama*. Entretanto, no caso de Lésbia, ela se tornara *infame* devido a prática do sexo interdito, aos olhos dessa moral poética.

Marcial constrói a matrona Lésbia em sua narrativa como um meio de pôr em prática a conduta que não deveria ser seguida por outras matronas. O poeta evidencia uma situação que era desonrosa, para mostrar que a conduta honrosa a seguir era o contrário do comportamento de Lésbia.

Na configuração social exposta por Marcial, Lésbia tornara-se uma mulher inferior a uma prostituta. Uma prostituta, para o poeta, já era uma categoria social sem *fama* na sociedade romana. Ao dar a entender que a prostituta teria mais “decência” que Lésbia, pois a prostituta não se mostra aos demais durante um ato sexual, Lésbia fora rebaixada socialmente atendendo a um julgo moral. Nesse entendimento, a mulher casada em questão possuía menos valor que a prostituta.

Marcial se utiliza de bordéis, prostitutas e pudor para atacar a matrona. A moral do poeta é a moral capaz de julgar o outro, no caso as práticas inadequadas de uma mulher casada, sendo que a moral do poeta é uma moral aplicada por intermédio da poesia jocosa que expressa um sentido de relação de poder deste sobre a mulher. Essa

³ De acordo a historiadora Géraldine Puccini-Delbey, “*infamia* é, a bem dizer, a ausência de reputação, de honra pública (*fama*), e todos os que são por ela atingidos – prostitutas, actores, gladiadores – perdem o seu estatuto de cidadãos” PUCCINI-DELBÉY, Géraldine. **A vida sexual na Roma Antiga**. Lisboa: Edições texto e grafia, 2010. p.89.

⁴ “O termo *infamia* é constituído a partir do prefixo latino *in*, que indica uma negação ou privação e da palavra *fama* que, por sua vez, significa “renomado” ou de “boa reputação”, podendo ser traduzido, portanto, como ‘aquele que não possui boa reputação’” GARRAFFONI, Renata. **Gladiadores na Roma Antiga**: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005. p. 183.

moral fora um constructo masculino de tentar impor uma dominação sobre o feminino que, em tempos de mobilidade social e política durante o Império, via cada vez mais as mulheres da elite romana se movimentarem para além da *domus*.

Esse epigrama sobre Lésbia é uma narrativa satírica com o intuito de ser cômica e, por conseguinte, apresentar certo desdenho à figura feminina. O escárnio feito a Lésbia, por exemplo, é enfatizado no ato da cópula da matrona com algum amante, sendo vista por quem quisesse olhar. Marcial faz uso da ironia mediante palavras vulgares. A cópula com outros em demasia, corriqueiramente, já é uma censura moral, fabricada no texto latino, que aponta para o adultério. Marcial destaca que, além de praticar o adultério, ela não se importa que os adultérios que cometera não sejam furtivos.

Não podemos desvincular que havia interesse político por trás das sátiras latinas, já que os poetas pertenciam a setores sociais que compunham a aristocracia romana e era a aristocracia romana quem ocupava os cargos públicos, como, por exemplo, na magistratura. Foucault nos faz o seguinte alerta:

Se quisermos realmente conhecer o conhecimento, saber o que ele é, apreendê-lo em sua raiz, em sua fabricação, devemos nos aproximar dos políticos, devemos compreender quais são as relações de luta e de poder. [Nas] relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, relações de poder – que compreendemos em que consiste o conhecimento (FOUCAULT, 1996, p. 23).

Nesse sentido, o conhecimento que podemos inferir sobre a sociedade romana no período imperial romano pode ser compreendido nas narrativas da literatura latina e como estas eram utilizadas nesses enfrentamentos de disputas de poder. Se Foucault argumenta que devemos nos aproximar dos políticos e sua fabricação sobre o conhecimento, no que diz respeito ao período romano dos dois primeiros séculos, para entendermos os enfrentamentos de uma aristocracia masculina frente as resistências do feminino, devemos, deste modo, nos aproximar dos escritores latinos, que pertenciam a elite romana e que também exerciam cargos políticos.

As relações de poder que Foucault expõe podem ser observadas por meio da literatura escrita por esses poetas – que exerciam cargos públicos –, uma vez que estes escritos latinos colocavam mulheres da própria elite em situações cômicas e desonrosas

segundo suas visões. Mas por qual motivo estes poetas escreviam tais narrativas nesse sentido?

Estamos olhando a partir de um prisma de lutas e enfrentamentos de poder. Esses enfrentamentos ocorrem mediante a ideia de poder exercido por estes agentes aristocráticos, que lutam para ter o domínio social para estabelecerem regras de manutenção de seu poder e ditarem regras de comportamento para se ter a obediência do outro: o feminino. Logo, onde há poder, também haverá resistência.

As normas estabelecidas por estes agentes aristocráticos, como no caso da sátira de Lésbia, demonstram a intenção do poeta em restringir o lugar social da matrona como um ser social que apenas poderia se estabelecer como sujeito ao seguir os comportamentos honrosos. O ato de não se cometer adultério é um modo da mulher casada se manter na sociedade como um ser social de boa reputação, pois presta obediência ao seu cônjuge. Essa maneira era propagada pelas narrativas literárias.

Marcial ao ter exposto Lésbia como uma matrona que cometera adultérios quis que a sociedade soubesse que este comportamento era danoso ao convívio social. O autor se utilizou de Lésbia como exemplo nocivo para reforçar que o exemplo positivo era ser o contrário de Lésbia.

Se o autor se utiliza da sátira para divulgar que esses comportamentos não são honrosos, significa dizer que essas práticas ocorriam de maneira recorrente. Isto é, ao transgredir o espaço social do lar para o cometimento de adultério, a matrona confronta esse poder masculino dos autores aristocráticos, já que estes autores compunham a própria elite romana. Essas mulheres estariam, portanto, confrontando um modelo social e de poder que era masculino e aristocrático.

Nesse sentido, tratamos que a narrativa sobre Lésbia é uma forma de o poeta divulgar o modelo social imposto pela elite romana, de demonstrar que o poder era exercido por aristocratas das *urbes*. Mas também podemos ver em Lésbia, na figura da matrona, a resistência a esse poder, de não seguir ditames sociais impostos. Dessa maneira, Foucault se torna crucial nesse entendimento, já que podemos enxergar as lutas de poder do masculino com o feminino e vice-versa.

Nessa perspectiva, a respeito do uso da literatura para fomentar um discurso de exercício de poder, ainda nos utilizando de Foucault, podemos pensar que a narrativa

latina seria uma maneira estratégica dos poetas para manutenção de poder e não dar chances a quaisquer mobilidades femininas. De acordo com Foucault:

Há alguns anos foi original e importante dizer e mostrar que o que era feito com a linguagem – poesia, literatura, filosofia, discurso em geral – obedecia a um certo número de leis ou regularidades internas – as leis e regularidades da linguagem (...) O discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Foucault nos chama atenção para o uso da linguagem, que está presente na literatura, por exemplo, e que obedece a certas regras específicas de construção, porém não é apenas isso, no sentido de uma obediência a regras, mas a linguagem, a poesia latina como exemplo, nos indica um discurso que foi colocado em foco para uma determinada intenção de cunho político e social. A intenção desse discurso é estratégica para Foucault. A poesia dos satiristas latinos são estratégias para uma consolidação de domínio de exercício de poder por um grupo masculino que pertencia a aristocracia da capital do Império.

Foucault argumenta que foi original o uso da linguagem sob uma perspectiva de estruturas linguísticas. Temos em mente que o autor venha se referir a Ferdinand de Saussure⁵ e o desenvolvimento que dera a linguística. Entretanto, Foucault quer nos dar outro olhar: um nível que beira a análise da linguagem, em nosso caso a literatura dos dois primeiros séculos de nossa era, haja vista as estratégias que nessa linguagem foram usadas para fomentar discursos que em seu bojo estavam circundados por lutas de poder.

No caso de Lésbia, se pensarmos pela visão de Foucault, há uma estratégia de Marcial ao ter escrito tal epigrama. O discurso é estratégico. Há a vontade do autor latino em divulgar o seu discurso. Ao preterir a mulher casada, pondo-a como desonrada por cometer adultérios, Marcial tenta impor seu discurso como forma de exercício de poder de certas regras de obediência que o feminino deveria seguir, postuladas pelo masculino.

⁵ “Ferdinand de Saussure [entendia] a linguagem como sistema fechado de signos, auto-suficiente, e que continha em si toda a realidade do conhecimento” ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006. p. 183.

A luta pelo poder é vista não na obediência da mulher casada em relação ao seu matrimônio e o poeta, ao ter escrito uma narrativa e expor tal prática de adultério, quer estabelecer os ditames culturais, sociais e políticos que seriam aceitos e não aceitos no meio social. Apenas ao homem cabia uma relação extramarital, não à mulher. A mulher casada corrompe a ordem social por não seguir uma prática que era entendida como a ideal.

Ao desenvolver uma narrativa literária e satírica para deixar claro que a prática social estabelecida por Lésbia não é digna, Marcial quer reforçar um tipo ideal de sociedade, que era regida por normas sociais do masculino. Entretanto, essas normas estavam sendo infringidas. Logo, se há um discurso para controle das normas e dizer que tais normas devem ser seguidas, significa dizer que havia contraposição a tais normas sociais. Essa contraposição é a luta pelo poder, ou melhor são as disputas e enfrentamentos pelo exercício de poder. Nesse sentido, vemos o embate de disputas de poder entre matronas e um público masculino formado por poetas, escritores e seus pares aristocráticos.

Utilizando-nos do mesmo autor latino, dessa vez com outros versos satíricos, é destacada a censura moral por meio do uso da literatura satírica em relação aos comportamentos de matronas. Fazemos uso de um epigrama em que o discurso estratégico é o difamar da imagem da mulher casada como adúltera, similar, de certo modo, a prática de perfídia da matrona Lésbia.

Marcial evidencia uma mulher chamada Gélia: “Gélia tem um único amante, mas isso é ainda mais vergonhoso: é a esposa de dois maridos.” (MARCIAL. *Epigramas*. VI, 90).

Gélia era uma matrona, logo, assim como no caso da matrona Lésbia, significa dizer que Gélia era casada. Possuía um esposo através de um casamento que fora legal. No entanto, o poeta Marcial afirma que Gélia possuía além de um esposo, um amante. Aos olhos da moral estabelecida por pares da aristocracia masculina, a matrona dispunha de um relacionamento extramarital. O uso da palavra amante está condicionada a ser entendida nesse contexto como uma relação que não é legal. Há dois extremos: o esposo legítimo, este fruto de um casamento que é juridicamente reconhecido; e o amante, uma relação que não é reconhecida como legal, que envolve a conjunção carnal.

O uso de uma moral já é estabelecido ao ser escrito que a matrona mantém um amante. Este fato é condenado pelo autor latino e se torna ainda mais incisiva a censura quando o escritor Marcial aponta que este amante se tornou um marido à matrona. Marcial quer inferir que a matrona via seu amante com certa regularidade, com frequência que deveria ocorrer de maneira similar ao que ocorria com o esposo legítimo. Essa assiduidade da matrona com o amante é reprovada pelo autor, pois faria com que essa mulher casada tivesse dois relacionamentos “estáveis”.

Porém, um desses relacionamentos era fraude, pois um destes era obrigatoriamente um relacionamento extramarital. Marcial faz um juízo que sustenta a proibição da mulher casada de não ser honrada ao marido, e essa fraude da matrona se torna ainda mais pertinente quando se trata de apenas um amante e este se tornara “fixo”, a ponto de não parecer um adultério, mas que em seu íntimo, para o escritor latino, se tratava de um adultério.

Com efeito, Marcial expõe a matrona Gélia em um par moral: sendo este honra/vergonha. Gélia não tivera honra, mas sim uma atitude que, de acordo com Marcial, era vergonhosa. A moral pode ser usada para construir uma matrona honrada, entretanto essa mesma moral que julga uma matrona como honrada, pode ser, dependendo da intenção, entendida como *discurso*, do escritor, acompanhada de seu par negativo: a vergonha.

A estratégia de Marcial é divulgar essas práticas sociais desonrosas, mas compreendemos que essas práticas são formas de disputas das mulheres de romper a estas normas e atravessar uma imposição que sustentava um domínio masculino sobre o feminino. Isto é, as disputas de poder. Um lado – o masculino – tentava impor que a mulher ficasse apenas restrita ao lar e que devesse obediência ao esposo; e o outro lado – o feminino – que, para não se restringir ao lar e ao marido e galgar espaços fora desse vínculo, mantinha relações fora do âmbito do casamento e da *domus* como formas de enfrentamentos a esses modelos de constructos sociais do masculino.

Essa literatura evidenciada por escritores latinos carrega em seu bojo uma ideologia, pois ela é devidamente pensada e com objetivo claro de manutenção de uma estrutura social em que o masculino pudesse manter um domínio de exercício de poder. Paul Veyne argumenta que “a ideologia é racionalização, idealização; é um amplo planejamento” (VEYNE, 1995, p. 161).

Marcial ao longo de sua obra, *Epigramas*, demonstrou essa racionalização que envolve um pensamento de utilizar situações cômicas de personagens femininas para perpetuar uma ideologia em que o feminino deveria estar sob a conservação de uma ordem do masculino. A ideologia perpassada pelo autor-poeta é fomentar que a matrona só teria espaço social ao estar sob tutela masculina, no caso o seu esposo, além de se submeter aos padrões de comportamento designados pelo grupo social aristocrático que este escritor estava inserido. A demonstração da honra era essencial para a matrona ser digna e com *fama*.

Desse modo, entendemos que a literatura latina é uma forma de apreendermos o contexto social dos séculos I e II d.C., referente às mulheres. Os autores latinos utilizavam as narrativas literárias para enaltecerem as mulheres que possuíam comportamentos dos primeiros tempos de Roma, quando o sistema do patriarcado não permitia mobilidade social ao feminino e as matronas teriam respeito a tal ordem social ao serem obedientes à figura masculina.

Esse enaltecer de um modelo social de comportamento poderia ocorrer na narrativa literária mediante a disseminação de valores que denegrissem a imagem da matrona quando esta não obedecesse às virtudes que toda “boa esposa” deveria seguir. Demonstrar na narrativa literária o que a mulher cometeu de vícios é demonstrar que há prática de virtudes que não fora seguida. Em nossa opinião, há “evidenciação da força das representações do passado propostas pela literatura” (CHARTIER, 2010, p. 25). Seria, portanto, dizermos que “algumas obras literárias moldaram as representações coletivas do passado” (GREEN-BLATT *apud* CHARTIER, 2010, p. 25).

A intenção do autor, entendendo-a como ideológica, na literatura, é inserir na comunidade a que faz parte, a greco-romana, um tipo de pensamento que tinha uma finalidade de moldar no coletivo de seu público um pensamento em que a mulher deveria estar sob domínio de valores morais expostos por uma ordem social masculina. É, deste modo, a representação de um comportamento que era tido como ideal, sendo este permeado por virtudes, honra e fama. Essa representação de um modelo social, que era ideológico, em que o poeta propusera em sua narrativa literária, demonstrar o exercício de poder em que o masculino estava engajado a assumir e perdurar através dos tempos, na passagem da República para o Império.

Podemos perceber que se havia preocupação em reforçar na literatura certa representação de modelo social e cultural de domínio masculino sobre o feminino, esse modelo não era unânime a ponto desse domínio de exercício de poder ser exercido sem sofrer resistências. Por isso a intenção do autor em demonstrar que essas resistências eram entendidas como vícios, desonra e infâmia. Logo, “a força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuam as reformulações, os desvios, as apropriações e as resistências” (CERTEAU *apud* CHARTIER, 2010, p. 47).

Nesse sentido, poderíamos entender as condutas de Gélia e Lésbia como as resistências e os desvios. Desvios em um sentido de não estarem “condizentes” ao que era estabelecido pela censura moral aristocrática poética. Se a norma social era viver restrita na *domus* demonstrando fidelidade sexual ao seu esposo, a matrona infringia tal norma, ou seja, resistia a uma crença moral que era socialmente imposta por aqueles que tinham o domínio de exercer o poder. Esse poder sofre embates no cotidiano como Certeau pontua, isto é, no vivido.

A literatura latina poderia estipular um modo social a ser seguido, mas não quer dizer que no vivido esse poder vinha a se concretizar. Não podemos dizer que esse poder se concretizava ao menos sem resistências. Na norma há a brecha, essa brecha acontecia no hodierno. A prática feminina – da matrona – em buscar relações extramaritais fora do lar enfatiza o que podemos denominar de resistência à conduta dominante.

Com efeito, as narrativas literárias que partem do pensamento do autor latino passado à escrita e à oralidade, têm em seu bojo moldar o pensar, o fazer, o dizer daquele público que está tendo contato com essas narrativas. É uma forma de mostrar uma convenção social do que é aceitável e, por conseguinte, do que não é aceitável. Nas relações de disputas de poder e de dominação, o poeta aristocrático ocupa posição de dominação. Nessa relação de dominação o mesmo pretende difundir uma restrição social à mulher. Essas práticas sociais de restrição – que são ideológicas – são perpassadas por meio da literatura latina.

No entanto, Chartier (2010, p. 49) aponta para as tensões entre as capacidades inventivas dos atores sociais frente as restrições e convenções que limitam.

Isto é, aplicando a ideia de Chartier, podemos arguir sobre essas tensões: de um lado, os poetas que estão em um grupo social masculino e aristocrático com suas obras letradas e, de outro, os indivíduos com suas práticas ordinárias que ressignificam o cotidiano, ou seja, as mulheres que estariam em uma posição de “dominado”, mas que nessas lutas de poder, encontram formas de resistir às convenções e reinventam um cotidiano do “dominante”.

Podemos afirmar que essa literatura latina – as sátiras – é ideológica, já que “a ideologia gira em torno do poder” (RICOUER, 2007, p. 96). Os poetas querem manter relação de dominação pautada na visão de que o feminino seria o grupo a ser “dominado” e o masculino, entende-se a elite masculina que ocupava cargos públicos como os próprios escritores da *urbs*, o grupo a ser “dominante”.

Dessa forma, o poeta lança mão da narrativa, criada por ele, como meio de propagar na sociedade uma ideologia pautada na relação de dominação desse grupo sobre as mulheres. Nas palavras de Ricoeur “o que a ideologia busca legitimar é a autoridade da ordem ou do poder – ordem, no sentido da relação orgânica entre todo e parte, poder, no sentido da relação hierárquica entre governantes e governados” (RICOUER, 2007, p. 96).

A ordem que Ricoeur se refere, aplicando aos epigramas de Marcial já expostos aqui, é a de manutenção de práticas sociais à mulher casada. A matrona só poderia existir socialmente na *domus*. A restrição à matrona era de ser sexualmente fiel ao marido, não cometendo adultério. Não cometendo adultério, a matrona daria herdeiros legítimos ao seu esposo. É manter uma hierarquia social onde o homem é o dominante, o que governa e é o único capaz de utilizar a oratória, de gerir a fortuna, galgar cargos públicos, de manter relações extramaritais sem ser considerado um adultério, e a mulher, a dominada, que devia obediência – sexual – ao seu esposo. Essa era a ordem difundida pela ideologia satirista latina.

A sátira latina apresenta, em nossa opinião, a tentativa de justificar um poder masculino sobre o feminino. Paul Ricoeur afirma que “é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece” (RICOUER, 2007, p. 98). Isto é, os epigramas de Gélia e de Lésbia demonstram a manipulação da sátira em provocar e colocar a matrona em situação de desonra.

Uma manipulação do uso da literatura em benefício ao grupo social aristocrático masculino que o escritor pertence se encontra na forma ideológica em que nega a possibilidade da matrona de manter laços sociais fora da relação matrona-esposo. A narrativa cumpre um significado que intenciona o público a pensar que a matrona ao atravessar a linha social imposta por este grupo não possui virtude. É manipular o que é proibido e o que é permitido, do que seria lícito e ilícito. Nas palavras de Foucault, seria um “discurso tomado como um conjunto de estratégias que fazem parte das práticas sociais” (FOUCAULT, 1996, p. 10-11). Logo, a prática social do discurso é estratégica. A estratégia dos poetas é a limitação das sociabilidades das mulheres nas narrativas da literatura latina satírica.

REFERÊNCIAS

Documentação Textual

MARCIAL. MARCIAL. **Epigramas**. Lisboa: Edições 70, vol. I-II, 2000; vol. III, 2001; vol. IV, 2004.

Bibliografia

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996.

PUCCINI-DELBEY, Géraldine. **A vida sexual na Roma Antiga**. Lisboa: Edições texto e grafia, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2007.

VEYNE, Paul. *Foucault revoluciona a história*. In: VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.